

DE ENCANTOS E AFETOS: A LITERATURA NEGROAFETIVA DA ESCRITORA SONIA ROSA

Lucimar Rosa Dias (UFPR)¹

Sara da Silva Pereira (UFPR)²

Sonia Regina Rosa de Oliveira Dias de Jesus (CEFET/RJ)³

RESUMO: Este texto trata da literatura infantil produzida por Sonia Rosa. Ele é resultante de uma longa e reflexiva conversa com a autora, tratando de dois importantes conceitos que emanam de suas obras: o Letramento Racial (2014) e a Literatura Negroafetiva (2021). A escritora apresenta o primeiro conceito como uma ferramenta crucial para a compreensão do racismo e suas manifestações e como possibilidade para construir uma verdadeira pedagogia antirracista. Sobre o segundo, a escritora explica que ele surge da necessidade de utilizar uma nomenclatura para designar sua produção literária, assim este conceito para a autora designa uma literatura com narrativas protagonizadas por personagens negros nas quais o afeto é a marca principal. Dialogamos com Cuti (2010), Gomes (2017), Kilomba (2019), Santana (2011), Júnior (2019), dentre outras referências presentes na obra da própria autora que aponta a quem lê um aporte teórico para compreender os sentidos e significados da produção de autoria negra. Por fim, conclui-se que a Literatura Negroafetiva é uma possibilidade de se contemplar a Lei 10639/2003 na prática, ampliando o repertório cultural de crianças e adultos e contribuindo para a construção de uma identidade étnico-racial positiva, que valoriza a subjetividade da pessoa negra, além de colaborar com uma educação antirracista.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Negroafetiva. Letramento Racial. Lei 10639/2003. Literatura Infantil. Sonia Rosa.

ABSTRACT: *This text discusses children's literature as produced by Sonia Rosa. It is the result of a long and reflective conversation with the author, focusing on two important concepts that emanate from her works: Racial Literacy (2014) and Black-Affective Literature (2021). The writer presents the first concept as a crucial tool for understanding racism and its manifestations, as well as a possibility for building a true anti-racist pedagogy. Regarding the second concept, the writer explains that it arises from the need to use a term to designate her literary production. Thus, for the author, this concept designates literature with narratives featuring black characters in which affection is the main feature. We engage dialogue with Cuti (2010), Gomes (2017), Kilomba (2019), Santana (2011), Júnior (2019), and other references present in the author's work, which provides readers with theoretical contributions for understanding the meanings and significance of black-authored production. Finally, we conclude that Black-Affective Literature is a possibility for implementing Law 10639/2003 in practice, expanding the cultural repertoire of children and adults and contributing to the construction of a positive ethnic-racial identity that values the subjectivity of black people, in addition to collaborating with an anti-racist education.*

KEYWORDS: *Black-Affective Literature. Racial Literacy. Law 10639/2003. Children's Literature.*

¹Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, professora no curso de Pedagogia e na Pós-Graduação na Linha de Pesquisa Diversidade, Diferença e Desigualdades na Educação, coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas ErêYá, E-mail: lucimardias@ufpr.br.

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas ErêYá e do NEABI/UFAC, E-mail: sarasummer20@yahoo.com.br.

³ Mestra em Relações Étnico-raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - Rio de Janeiro, escritora com mais de 60 títulos publicados, E-mail: sonrosa@uol.com.br.

INTRODUÇÃO

“Contem e recontem as histórias que guardei aqui. Muitas delas ouvi pequenininha, lá na minha terra. São minhas, são suas, são nossas. Todas nós somos responsáveis pelas nossas histórias e pela continuação das nossas tradições” (ROSA, 2009, p. 21).

Reconhecer a ancestralidade e ter acesso às histórias e memórias daqueles que vieram antes de nós são marcas presentes na literatura infantil produzida pela autora Sonia Rosa. Por isso, tal qual a personagem Monifa, protagonista ancestral na obra *Os tesouros de Monifa* (2008), defendemos que também somos responsáveis pela continuidade de nossas tradições. Essa narrativa traduz muito da vida da escritora que, desde pequena, aprendeu com sua mãe e tia a ser amiga das palavras, crescendo rodeada de histórias. De acordo com a autora, em sua casa, praticamente não havia livros de literatura infantil, no entanto durante a infância foi uma criança “[...] íntima das palavras porque minha mãe havia me ensinado o fascínio das múltiplas possibilidades de uma palavra quando falada, rimada ou cantada” (JESUS, 2019, p. 14)⁴.

Ela nasceu Sonia Regina Rosa de Oliveira depois recebeu o Dias de Jesus pelo casamento, mas gosta de ser chamada carinhosamente de Sonia Rosa. Professora, escritora, contadora de histórias e agora pesquisadora, mestra em Relações Étnico-raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Com publicações que já contam em torno de 60 títulos, suas obras têm conquistado leitores e leitoras com sua escrita repleta de afeto e protagonismo negro.

O primeiro livro da escritora Sonia Rosa foi lançado em 1995, mas ela estava tentando publicá-lo desde 1988. De acordo com a autora, em sua dissertação: “[...] o mercado editorial da época mostrava-se pouco receptivo às histórias com personagens e/ou protagonistas negros, principalmente para autores iniciantes” (JESUS, 2019, p. 11).

A obra intitulada *O Menino Nito* (ROSA, 1995) chegou para romper barreiras e desmistificar estereótipos, apresentando aos leitores e leitoras uma criança negra, protagonista de sua história, que superou um conflito comum a tantos outros meninos, mostrando que homens podem externar seus sentimentos, mesmo crescendo em uma sociedade machista e patriarcal, que nos ensina desde pequenos que homens não podem chorar.

Na década de 1990 ainda não eram comuns publicações que retratassem personagens negros (as) de forma positiva, por isso a produção dessa autora foi de grande relevância para a valorização da cultura e para o fortalecimento das identidades negras. A escritora foi uma das propulsoras desse tipo de publicação, retratando crianças negras em situação de protagonismo e de beleza.

Com o advento da Lei 10639/2003 (atual 11.645/08), que preconiza no Art. 26-A da LDB (BRASIL, 2003) a obrigatoriedade do ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” (e também indígena), abriu-se um novo filão no mercado editorial e muitas outras publicações surgiram, tanto da escritora Sonia Rosa quanto de outros autores e autoras que têm se dedicado à literatura infantil em que meninos e meninas negras vivenciam suas histórias, recuperam sua humanidade e são protagonistas nas tramas, que surgem em situações diversas de valorização.

As histórias escritas por Sonia Rosa apresentam personagens negros que além de povoarem as narrativas são representados de forma positiva tanto no enredo quanto na ilustração. Por isso, convidamos os leitores a conhecerem um pouco mais sobre a vida e a obra

⁴ Na dissertação a autora utiliza seu sobrenome, adquirido após o casamento. No entanto, nos livros de literatura infantil que produz, assina como Sonia Rosa, que é como gosta de ser chamada.

dessa autora que classifica sua produção literária como uma Literatura Negroafetiva, pois de acordo com ela: “[...] apresenta em seu enredo histórias diversas de vivências e experiências carregadas de carinho, ternura, abraços, laços de amizade, rede de afetos, acolhimento, risos, choros e alegria” (ROSA, 2021, p. 14).

É o aniversário do Bernardo (2015), Como é bonito o pé do Igor (2009), Palmas e vaias (2009), Lá vai o Rui... (2004), Cadê Clarisse? (2004), Os tesouros de Monifa (2009), Histórias amareladas (2015), Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta (2012), Lindara, a menina que transbordava palavras (2019), são alguns dos títulos publicados pela autora.

Além de contemplarem a diversidade étnico-racial e de proporcionarem representatividade para as crianças negras, conferem às demais uma oportunidade de reconhecerem a diferença de maneira positiva, aprendendo a valorizá-la e respeitá-la. São obras permeadas de afeto e amor e que destacam a humanidade dos personagens negros, através de enredos múltiplos e variados.

ENTRE TEXTOS E AFETOS: UMA ENTREVISTA REPLETA DE HISTÓRIAS

“A leitura alimenta sempre as ideias e desembaraça o olhar”
 (ROSA, 2017, p.10).

Em outubro de 2021, em meio à pandemia do Covid 19, que por mais de um ano separou fisicamente as pessoas, as pesquisadoras Sara da Silva Pereira e Lucimar Rosa Dias reuniram-se de forma remota com a escritora Sonia Rosa para uma conversa descontraída e reflexiva na busca de compreender um pouco de sua vasta produção. Apesar de se tratar de um encontro virtual, a escritora mostrou uma presença marcante, narrando sobre seu processo criativo e a tessitura de sua escrita, deixando a impressão de que não havia distância entre ela e as pesquisadoras. Por isso, este texto é produzido por quem perguntou e por quem respondeu, em um processo dialógico de partilha de reflexões.

Sonia Rosa constantemente está em nossas discussões, uma vez que nas jornadas formativas que oferecemos pelo nosso grupo de pesquisa e estudos ErêYá, da Universidade Federal do Paraná, compartilhamos seus livros com crianças e adultos. A autora tece narrativas que são recebidas positivamente pelo público leitor de todas as idades e inscreve sua Literatura Negroafetiva no mercado editorial.

Recentemente, sua obra *Enquanto o almoço não fica pronto* (2020), ilustrada por Bruna Assis Brasil, foi selecionada para o programa Leia para uma Criança, promovido pelo Instituto Itaú Social. É a Literatura Negroafetiva tornando-se acessível às crianças.

Por isso, é importante compreendermos este conceito criado pela autora para entendermos sua produção, suas motivações e os autores e autoras que a inspiram. Assim, estruturamos seis questões que nos conduziram nessa conversa-reflexão.

COM A PALAVRA: SONIA ROSA

Como você define a Literatura Negroafetiva e como esse conceito foi produzido?

Primeiramente, eu escrevo Literatura Negroafetiva de uma forma espontânea, natural. Foi assim que eu produzi o livro *O Menino Nito*, entendendo esse protagonismo negro já dentro da minha vida, dentro dos meus afetos e das pessoas que eu amo, como meus irmãos, meus filhos, esposo, meus primos e eu mesma.

Então, foi a minha ambiência familiar que me deu a perspectiva desse sentimento da presença negra maciça como constituição de personalidades de vidas e, naturalmente dialogando com toda parte de uma forma negra de ser, de existir, de pensar, o que implica na forma de se relacionar, em maneiras de alimentação, de acolhimento. Estas questões eu vivi e cresci com

elas. Logo, quando eu escrevi o “Nito” eu achei natural, pois depois de uma longa caminhada, eu acabei escrevendo um livro, como já disse, com um menino negro protagonista.

Muitos anos depois, eu fiz um mestrado, porque após a escrita do livro do Nito, que foi natural e espontâneo, eu percebi a sua potência, a sua provocação, porque a gente tem um país racista, logo leitores, escritores, livreiros e ilustradores também racistas e, a literatura forma mentalidades. Assim, foi um estranhamento o Nito, por uma escritora estreante. Depois, muito tempo depois, quando eu cursava o mestrado, eu fiz uma dissertação autobiográfica, intitulada “A literatura infantil afro-brasileira como Letramento Racial e fortalecimento das identidades negras: uma narrativa autobiográfica” (2019), onde indico a literatura afro-brasileira como possibilidade de Letramento Racial.

Ao longo da produção da dissertação, fui desenvolvendo uma análise crítica e focada do texto, após uma imersão nos meus livros, por conta de ser uma literatura autobiográfica eu precisei analisar esses livros, ou seja, a minha literatura. No período pós-defesa eu ainda continuei refletindo sobre a minha escrita e revisei-a de uma forma mais livre, sem uma busca epistemológica, foi quando eu percebi uma característica peculiar da minha literatura: ela tinha muito amor, com muitos personagens negros e o afeto perpassando por toda a narrativa.

Qual a importância da Literatura Negroafetiva na construção da identidade das crianças negras e para a sensibilização das demais crianças?

A importância da Literatura Negroafetiva, tanto para a formação de mentalidades, quanto para a formação de crianças e até de infâncias, é que ela vai desconstruir e desnaturalizar a questão menor que foi imputada à população negra, naturalizando a beleza, os afetos, as relações, o protagonismo nas vidas das crianças e personagens, mostrando outras existências, outras histórias e também retratando as dores, os sustos, os amores.

Então, eu penso que essa questão do racismo, passa muito pelo fato da não percepção que o racista tem em não identificar a humanidade da pessoa negra. Por isso, quando eu apresento personagens negros em situações diversas de afeto, me comprometo com uma literatura para as infâncias onde o amor também é protagonista e também estou desconstruindo todo um olhar racista quanto a essa falta de humanidade, porque não existe nada mais humano que o amor.

É possível situar a produção de outros autores e autoras nessa mesma perspectiva, ou seja, existem outros escritores e escritoras que produzem Literatura Negroafetiva?

Eu escrevi um artigo, publicado no Portal Geledés (2021), exatamente para que eu pudesse oferecer aos leitores esse conceito e também uma reflexão mais aprofundada sobre ele. Criei esse conceito com bases epistemológicas, por conta dessa minha entrada na academia. Eu sempre fui uma pessoa que pensou muito sobre as coisas, sempre tive um olhar voltado para a construção de ideias, mesmo no campo da literatura. O que quero dizer é que, a literatura tem que ser livre, não tem que ter esse compromisso de ensinar nada. No entanto, isso é inevitável uma vez que ela é escrita por alguém que tem uma história, que tem um jeito de ser, uma forma de existir. Logo, é óbvio que isso vai ser retratado e refletido também nas narrativas.

Em relação ao conceito, o que eu queria dizer é que um conceito literário que ajuda a identificar esses conteúdos do campo da produção propriamente dito e que não precisa necessariamente ser escrito por autores negros ou autoras negras, sendo que, se escrita por autores (as) negros (as), tem uma subjetividade. Cuti (2010) é minha referência, por conta da literatura negro-brasileira que ele aponta. Acho lindo quando ele fala: é uma “insconsciência negra de ser”. Logo, será refletida nos escritos produzidos pela pessoa negra.

Penso que podemos dialogar também com o conceito de escrevivências, da escritora e pesquisadora Conceição Evaristo (2020), quando ela fala da forma de escrita dela sendo uma

mulher negra. Como mulher ela tem outras questões que dialogam com tantas outras mulheres de todas as etnias, de todo o mundo, mas como um corpo de mulher negra brasileira as experiências são muito particulares.

Então, é nessa linha que eu falo da Literatura Negroafetiva, uma produção em que haja a presença das existências negras em protagonismo e em afeto e que essas existências nos provoquem a pensar por que as histórias, dessa forma como são apresentadas, não formaram as outras crianças das gerações passadas; que nos leve a refletir sobre quais histórias de negros e negras foram contadas ao longo das gerações. E o que isso ocasionou para que tivéssemos como resultado adultos formados numa linha que legitimou o sofrimento, a não-história, o descuido, o descaso, o maltrato, a invisibilidade e o silenciamento. Como os livros e os autores e autoras de literatura contribuíram para esse olhar e essa legitimação racista, que naturaliza e considera a existência de uma desumanidade na população negra, retratada em nefastos textos e imagens dentro dos livros para crianças?

Todavia, os escritores e escritoras podem fazer essa reflexão e contribuir com uma literatura mais humanizada, mais plural. Isso é algo que eu desejei, por isso escrevi o artigo reiterando e afirmando esse meu compromisso. Esse conceito nada mais é do que uma atenção à forma, ao conteúdo, à maneira de escrita, de dizer e de abordar, em que o (a) personagem negro (a) tem destaque e protagonismo.

Assim, todas as obras que tiverem esse destaque embalado pelo afeto respeitoso, eu digo que é uma Literatura Negroafetiva. Por exemplo, os livros da Kiusam de Oliveira (2013), em que eu encontro esse olhar negroafetivo; no livro *Da minha janela* (2019), do escritor Otávio Junior, pois nada mais afetivo que um personagem negro olhando da sua janela pra sua favela e vendo pessoas negras em harmonia, em amor, uma verdadeira desconstrução das imagens que povoam o imaginário das pessoas a respeito das favelas, razão inclusive pelo qual ele ganhou um prêmio Jabuti; livros como *Cheirinho de neném* (2011), da autora Patrícia Santana, uma escritora e professora lá de Minas Gerais, uma pessoa bem sensível; e ainda obras de autoras como a Lucimar Rosa Dias (2012, 2019), que têm uma abordagem delicada, respeitosa, amorosa, em que os (as) personagens negros (as) atuam de uma forma linda.

Existem outras produções que se afinam com o conceito e quando o mediador de leitura, que pode ser o/a professor (a), o/a bibliotecário (a), a avó, o avô, a mãe interessada, o pai, as instituições, os contadores e contadoras de histórias, lerem o artigo que escrevi poderão ter subsídios para entender que literatura seria essa. Esse artigo mostra como desenvolver um trabalho de Letramento Racial, de saberes ligados à racialidade, para que as pessoas possam desenvolver um olhar sensível e, quando estiverem ao encontro de uma obra, busquem esses pontos abordados, prezando pelo respeito, a dignidade de uma abordagem respeitosa, por personagens que sejam bem cuidados, que sejam de fato amados, a despeito de situações e enredos espinhosos, mas que tenham esse particular de respeito às diferenças e que seja um livro em que a criança sempre receba como um abraço quentinho e não como um empurrão de desprezo.

Poderia nos explicar esse conceito de Letramento Racial, que você utiliza em sua pesquisa de mestrado? A Literatura Negroafetiva contribui com o Letramento Racial?

Letramento Racial é um dos conceitos que eu abraço dentro desse meu momento epistemológico de pesquisadora, desse meu momento lindo de mestranda e depois de mestre propriamente dita. Então, o Letramento Racial foi um conceito que me aliviou porque as questões que eu vi lá no mestrado, os saberes a que eu fui apresentada, referente a pessoas que já estudam essas questões há muito tempo, me transformaram e fizeram com que me engajasse cada vez mais nessa luta antirracista.

Eu, sendo uma mulher negra, professora, entusiasta da Lei 10.639/2003, tendo estado no chão da escola e feito vários movimentos dentro da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, no tempo em que trabalhei no nível central com sala de leitura, já trazia essa discussão, contudo foi o mestrado que fez cair todas as fichas e descortinou verdades até então ainda não vistas e me apurou o olhar, como um colírio pingado nos olhos, me fazendo enxergar a realidade de maneira mais nítida.

Entretanto, isso me gerou muita dor, principalmente quando me propus a fazer uma dissertação autobiográfica, em que vou detectando as marcas do racismo explícito, cruel, maldoso, sádico, na minha vida e na vida da minha família. Isso foi algo muito desconcertante para mim, mas também uma oportunidade de rever, de entrar em contato com dores tão profundas, porque são dores da própria existência e porque é o que o racismo te aponta. São dores que deixam marcas profundas quer seja em uma criança, quer seja em um adulto.

Sabe por que dói tanto? É porque a dor do racismo é o outro que te impõe como uma menos valia, como se você não valesse nada. A última frase do livro "Clara dos Anjos" (1948), de Lima Barreto, é absolutamente atual e contemporânea porque é bem isso que está posto lá no livro e que eu não vou explicitar aqui porque não vou fazer esse desrespeito aos leitores (as) contando exatamente a frase final, mas aconselho que leiam para saciarem a curiosidade e para entenderem do que eu estou falando quando associo essa frase a uma reflexão sobre o racismo no século passado, mas ainda tão atual. O racismo que nos condena a todos nós negros e negras como se não valêssemos nada.

O Letramento Racial me salvou, porque quando eu me vi imersa naquela dor, naqueles saberes, naquele sofrimento, eu comecei a repensar meus caminhos e as humilhações que eu e minha família passamos. Até aquele momento, era tudo muito confuso e compreendido como pílulas douradas para dizer que era uma coisa quando na verdade era outra. Era de fato o racismo em ação e não outra coisa e eu fiquei desconcertada, com raiva e achei que precisava dar uma resposta. Eu sou a moça do amor, mas a indignação e a raiva foram crescendo dentro de mim, que vivi por muitos anos com uma abordagem desconhecida da minha própria existência, que diante do olhar do outro era considerada menor.

O racismo minimiza nossas dores e sentimentos, dizendo que não somos capazes de amar, que nossos conflitos não são tão grandes, nossas dores e desejos não têm importância, que merecemos as condições em que vivemos. Coisas assim mexem profundamente com você, com a tua vida, te tiram de um lugar e te deixam inertes, sem saber que caminhos escolher. Por isso é muito doloroso.

Foi o Letramento Racial que me deu essa libertação porque o que nos salva é o conhecimento e aqui eu faço uma analogia com o lugar de maternidade, porque eu acabei de ter uma netinha. Então, o conhecimento permite amamentar seu filho sem sufocá-lo. Ele é algo que você vai adquirindo através da experiência do outro compartilhada em livros, em vídeos, em entrevistas, enfim, o conhecimento, a ciência é o que faz, por exemplo, a gente estar livre. O conhecimento te transforma, te faz melhor, humanamente melhor, te faz perceptível, sensível e dá à sua existência uma compreensão da sua sensibilidade e da sensibilidade do outro. Por isso, eu digo que todos devem ter acesso ao conhecimento, devemos ter o compromisso da partilha da humanidade com o outro, do acolhimento, do entendimento, como diz Paulo Freire, é um encontro e por isso vamos avançar juntos.

O termo letramento tem origem nos estudos sobre alfabetização e nos remete à professora Magda Soares (2009), pesquisadora sobre Alfabetização e Letramento no Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esse termo, utilizado pela pesquisadora, está associado à aquisição das práticas sociais de leitura e escrita por determinado grupo social. Em minha dissertação,

eu explico que esse termo se ampliou, transformando-se ao longo do tempo, pois que a língua é viva e está em contínuo movimento.

O Letramento Racial diz respeito à racialidade, a um conhecimento específico sobre a vida dos escravizados, de um entendimento que depois de 300 anos de escravidão e quase 6 milhões de escravizados, despertou um desejo do Brasil ser branco. Na escola nos apresentavam a princesa Isabel, uma princesa branca, e fomos todos estimulados a nos apaixonarmos por ela. No entanto, as aulas sobre os escravizados eram descontextualizadas da história real dos povos negros que aqui foram trazidos à revelia. As imagens das torturas sádicas imputadas aos escravizados, presentes em livros didáticos ajudaram a gerar a mentalidade das pessoas das gerações passadas naturalizando tais comportamentos que, infelizmente, ainda se reproduzem na atualidade.

Diante de todas essas colocações, reitero que o Letramento Racial seria uma leitura política e social de raça e é nessa linha que eu o entendo como uma chave em que o conhecimento é a verdade, o protagonista, pois quanto mais sabemos, melhor vivemos, nos defendemos e entendemos a nossa própria vida.

Como a literatura infantil pode contribuir com uma educação antirracista?

Claro que a literatura infantil contribui para o Letramento Racial na medida em que as crianças, os (as) leitores (as) jovens, ou até mesmo os não jovens, têm a oportunidade de encontrar dentro da ambiência ficcional crianças e adultos negros, pessoas negras em situação de vida normal e cotidiana. Acredito que isso vai quebrando os estereótipos e retira o (a) personagem negro (a) desse lugar que historicamente se tentou colocá-lo.

Assim, os leitores e leitoras percebem que ele está em todo lugar, na vida, no café da manhã, enquanto o almoço não fica pronto, num dia de feriado, numa relação familiar de afeto, como tem que ser: normal. E quando a criança não negra tem acesso a obras assim, ela tem essa facilidade de ampliar seu conhecimento de mundo porque a questão do racismo faz mal a todo mundo e não é algo que interessa apenas às pessoas negras. Racismo é da conta de todos nós e é sempre bom lembrar que é crime.

Logo, a Literatura Negroafetiva também contribui, sem sombra de dúvidas, para o Letramento Racial da sociedade como um todo. Isso é tão sério, pois percebemos que antigamente havia uma fala: “Ah, mas a gente não tem livros com personagens negros”. É preciso desconstruir, pois agora temos vários lançamentos de vários autores, como: Júlio Emílio Braz (2005), Rogério Andrade Barbosa (2007), Kiusam de Oliveira (2013), Otávio Júnior (2019), Patrícia Santana (2011), Sinara Rubia (2019) e muita gente boa que está por aí publicando muitas histórias.

Sempre é bom lembrar que o mercado editorial se movimentou a partir da Lei 10.639/2003, pois entendeu que essa seria uma demanda e necessitaríamos de material com essa potência e que enfatizasse a abordagem das questões do protagonismo, da beleza, da arte e das epistemologias negras. Assim, temos um mercado promissor e que cresce a cada dia. E ainda temos poucos ilustradores (as) negros (as), mas os (as) ilustradores (as) brancos (as) também estão mais sensíveis e vêm se letorando racialmente. Então, está todo mundo aprendendo. O mundo do livro tem essa característica particular de aprender e ensinar todo mundo, o tempo todo.

Ainda, a respeito da Literatura Negroafetiva, posso afirmar que ela está conectada com uma educação antirracista dentro e fora da escola, da educação formal e da informal, ela tem esse olhar, essa característica de abraçar as histórias negras, as histórias de vidas negras, de infâncias negras, entendendo que todas elas importam, de fato.

Que mensagem você deixaria aos professores e professoras no tocante à escolha de livros de qualidade que contemple a diversidade étnico-racial?

O meu recado para os professores e professoras é que abracem com fervor a Lei 10.639/2003 e se desconstruam, na medida do possível. Sabemos das dificuldades que tivemos em nossa formação, em que muitas vezes nos foram apresentadas ideias nefastas, racistas, ideológicas, com base em mentalidades retrógradas e que o mundo editorial e o mundo midiático também reiterou essas ideias, formando a nós todos. Então, isso faz com que tenhamos que buscar cada vez mais o conhecimento, estudando a vida inteira para nos apropriarmos das ferramentas necessárias para operarmos a verdadeira transformação social.

Eu costumo dizer que quem escolhe ser professor deseja mudar o mundo pra melhor e o melhor é quando a diversidade, que é linda, seja pauta das nossas aulas, das nossas vidas, entendendo que a desigualdade não é bonita, dizendo não ao silenciamento e à invisibilidade dos povos oprimidos, evidenciando o protagonismo dos mesmos. Vamos dar luz a quem até então não está em evidência por conta do racismo ou de outras situações adversas, colocar as crianças negras em destaque, isso sim é uma desconstrução.

Professores e professoras, os convoco a ler e entender o conceito de branquitude, pelo olhar de Maria Aparecida da Silva Bento (2002); ler e entender o conceito de racismo estrutural, através do pesquisador Silvio Almeida (2018), compreendendo o caminho percorrido até se chegar a algumas leis; conhecer o trabalho dos movimentos sociais, através de Nilma Lino Gomes, que escreveu o livro *O Movimento negro educador* (2017), que é maravilhoso e traz muitos conceitos; se apropriar das leituras de Kabengele Munanga (2019), um congolês que escolheu o Brasil, está aqui há muitos anos e tem uma fala muito amorosa, com textos negroafetivos (eu nunca falei isso pra ele); ler Grada Kilomba com seu *Memórias da plantaço* (2019) que é maravilhoso; ler *Na minha pele*, do Lázaro Ramos (2017), uma leitura que eu acho que é o primeiro momento pra entender -pra quem ainda não entendeu- porque tem gente que não entende e não é porque não tem competência intelectual, mas sim porque tem incompetências emocionais no sentido de não reconhecer as resistências históricas e a consequente dinâmica do racismo que, infelizmente, esta entre nós.

Não se deixe abraçar por uma camisa de força, vamos tirar essa roupa velha, vamos nos desconstruir, ninguém vai perder nada, sairá todo mundo ganhando: a professora negra, a professora branca, a criança negra, a criança branca, todo mundo ganha, não tem perda, tem somatória. Então, abraçamos a Lei e trazemos para a pauta dos nossos currículos, para dentro das escolas, sem medo da religiosidade, sem medo do conhecimento, dos saberes.

É isso! É preciso ter coragem para viver e o nosso compromisso é compartilhar e educar dentro de uma perspectiva antirracista porque o que estamos vivendo é fruto de uma história muito triste. Legitimada! Legitimada! Legitimada! Temos que cortar esse ciclo, pra fazermos melhor e temos competências e condições e redes para isso. Hoje, temos muito conhecimento a respeito do racismo, mas também das resistências. Por exemplo, se pensar nos quilombos, o quilombo tem tudo, tem a resistência, tem o protagonismo, luta, inteligência, estratégia de viver, pois onde havia escravidão havia o desejo de libertação. Só isso já é um bom começo para contemplar a lei dentro de nossas escolas e começar a nossa própria desconstrução acerca da temática negra, até então desconhecida. Um beijinho para todos e viver é muito bom! A diversidade é linda, o que não é lindo é a desigualdade! Muito Obrigada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Todos nós temos guardadas muitas histórias amareladas pelo tempo. Elas são o registro da nossa existência. Revisitá-las é uma maneira de despertar a nossa memória. E também de não esquecer certos fatos e pessoas”
(ROSA, 2015. p. 44).

Em *Histórias amareladas* (2015), a autora revisita sua história eternizando nas páginas do livro momentos vividos em sua infância. Tal qual a autora, nesse movimento de registro de suas memórias por meio do texto literário, essa conversa/entrevista apresenta detalhes da trajetória de suas produções.

O objetivo aqui proposto foi realizar uma entrevista com a escritora Sonia Rosa a respeito da literatura infantil produzida por ela. Durante a conversa alguns pontos importantes foram levantados, como: a definição dos conceitos de Literatura Negroafetiva e de Letramento Racial, como ambos contribuem para uma educação antirracista e como os livros atuam para a desconstrução do racismo.

A autora apresenta importantes referências que poderão dar suporte ao trabalho de professores e professoras para que abracem a Lei 10639/2003 e possibilitem às crianças o acesso a uma literatura infantil que contribua com o Letramento Racial crítico, apresentando personagens negros humanizados e em situação de protagonismo em narrativas e ilustrações repletas de afeto e amorosidade.

Sonia Rosa passou a utilizar o conceito de Literatura Negroafetiva para designar a literatura produzida por ela, uma vez que “[...] sentiu a necessidade da criação de uma nova nomenclatura que evidenciasse esse amor que emerge e se destaca” (ROSA, 2021, p.10). Para a autora, essa literatura está circunscrita a uma obra que apresenta em seu bojo a diversidade étnico-racial por meio de enredos múltiplos e variados que retratem vivências carregadas de afeto e ternura em que os personagens negros transbordam de humanidade e são protagonistas de suas histórias. Personagens, estes, ilustrados de modo que a valorização da estética e do fenótipo negro exaltem a sua beleza e potência (ROSA, 2021).

A Literatura Infantil Negroafetiva produzida pela autora Sonia Rosa é uma forma de apresentar às crianças, negras e brancas, a vasta diversidade étnico-racial existente, contribuindo para a formação de uma sociedade antirracista. Assim como também, por meio desse diálogo positivo com diversos referenciais, esta literatura específica vai ampliando o repertório cultural e contribuindo com a construção de uma identidade étnico-racial positiva, que valorize a subjetividade da pessoa negra, atuando como um Letramento Racial para os(as) leitores (as) da autora.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BARBOSA, Rogério Andrade. **Outros contos africanos para crianças brasileiras**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. Rio de Janeiro: Mérito, 1948.
- BENTO, Maria Aparecida da Silva. **PACTOS NARCÍSICOS DO RACISMO: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 [...] para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003.
- BRASIL. Lei nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 mar. 2008.
- BRAZ, Júlio Emílio. **Sikulume & Outros Contos Africanos**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2005.

- CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DIAS, Lucimar Rosa. **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um**. 1ª edição. Campo Grande/MS. Editora Alvorada, 2012.
- DIAS, Lucimar Rosa. **Azizi, o presente precioso**. 1ª edição. São Paulo/SP. Editora Arole Cultural, 2019.
- EVARISTO, Conceição. A escrituragem e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org). **Escrituragem: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da ABPN**, v. 6, n. 14, p. 236-263, 2014.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: RJ, Vozes, 2017.
- JESUS, Sonia Regina Rosa de Oliveira Dias de. **A literatura infantil afro-brasileira como letramento racial e fortalecimento das identidades negras: uma narrativa Autobiográfica**. Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2019, 122f.
- JÚNIOR, Otávio. **Da minha janela**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MUNANGA. Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. 4ª edição. São Paulo/SP. Autêntica, 2019.
- OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no Black Power de Tayó**. São Paulo: Peirópolis, 2013.
- RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.
- ROSA, Sonia. **O menino Nito**. Rio de Janeiro: Memórias Futuras, 1995.
- ROSA, Sonia. **Lá vai o Rui...** São Paulo: Editora DCL, 2004.
- ROSA, Sonia. **Cadê Clarisse?** São Paulo: Editora DCL, 2004.
- ROSA, Sonia. **Os tesouros de Monifa**. São Paulo: Brinque-Book, 2009.
- ROSA, Sonia. **Como é bonito o pé do Igor!** São Paulo: Editora DCL, 2009.
- ROSA, Sonia. **Palmas e Vaias**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- ROSA, Sonia. **Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- ROSA, Sonia. **É o aniversário do Bernardo**. São Paulo: DCL, 2015.
- ROSA, Sonia. **Histórias amareladas**. Rio de Janeiro: Rovelle, 2015.
- ROSA, Sonia. **Entre textos e afetos: formando leitores dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- ROSA, Sonia. **Lindara, a menina que transbordava palavras**. Belo horizonte: Nandyala, 2019.
- ROSA, Sonia. **Enquanto o almoço não fica pronto**. Rio de Janeiro: Zit, 2020.
- ROSA, Sonia. Literatura negro afetiva para crianças e jovens. **Revista África e Africanidades**, Ano XIV, Ed. 39, Ago-Out de 2021, p. 6-22.
- ROSA, Sonia. **Literatura negro afetiva para crianças e jovens**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/literatura-negro-afetiva-para-criancas-e-jovens/>. Acesso em: 27 out. 2021.
- RÚBIA, Sinara. **Alafiá, a princesa guerreira**. Rio de Janeiro, Nia Produções, 2019.
- SANTANA, Patrícia. **Cheirinho de neném**. Belo Horizonte: Mazza, 2011.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Recebido em 15-05-2022
Revisões requeridas em 04-03-2023
Aceito em 14-03-2023